



*série Consequências*

**PROMESSAS**  
*de uma* **VIDA**

*um romance de época de*

**ALINE GALEOTE**

# Prólogo

Caroline Hunt casou-se na tenra idade de dezoito anos. Seu marido, o atual Conde de Harrington, era quase vinte anos mais velho. E, estando desesperado para conceber um herdeiro que o sucedesse ao título, propôs um rentável acordo matrimonial ao avô de Caroline. A tímida garota, criada nos moldes mais estritos da sociedade, não teve outra escolha a não ser acatar a decisão de seu guardião.

Um marido dedicado não era como Harrington poderia ser descrito, mas a tratava com cortesia, o que era muito mais do que esperava diante dos relatos de suas amigas sobre os próprios maridos. No entanto, existiam momentos em que sonhava acordada com um casamento semelhante ao de sua irmã mais velha. Jane fora audaciosa ao desafiar as ordens do avô e recusar sua escolha para marido, preferindo o comum Sr. Huxley, marinheiro mercante. Era nítido o quanto Jane o amava e o quão devotado ele era a sua irmã.

Caroline sabia que algumas de suas obrigações como esposa eram receber o marido em sua cama sempre que este desejasse e conceder-lhe um herdeiro. Foi com grande entusiasmo que percebeu que carregava um filho no ventre. Harrington tornou-se então o marido dedicado que Caroline sempre sonhara. Atendia a todas as suas solicitações, por mais tolas que fossem. Preocupava-se com seu bem-estar e sua saúde. E deixou de frequentar os clubes de cavalheiros apenas para estar em sua companhia. No último mês da gestação não havia nada no mundo que o persuadissem a sair do lado de sua esposa.

Quando a criança nasceu, Caroline não conseguiu esconder a alegria ao descobrir que dera à luz a um lindo garotinho. Por ser de natureza mansa e submissa, estava exultante por dar a Harrington o herdeiro que tanto esperara.

Os primeiros anos da vida de Anthony foram os mais felizes para Caroline. Como não fazia questão de frequentar as temporadas sociais em Londres, aceitou com entusiasmo a sugestão de seu marido de residir permanentemente na propriedade ancestral da família, localizada a oeste de Lincolnshire. Por causa de suas atividades frequentes na Câmara dos Lordes, Harrington passava a maior parte do tempo na cidade. Costumava visitar a família com frequência, ocasiões em que ensinou pessoalmente o filho a montar e a caçar. Caroline enxergava nos olhos do marido a profunda admiração que sentia por seu filho, fato que o engrandecia ainda mais diante seus olhos.

Porém, tudo mudou no dia em que Anthony completou oito anos de idade. Mãe e filho foram cruelmente separados pelo pai. Harrington levou o menino para Londres, deixando Caroline desolada e sozinha. Nunca estivera realmente interessado em uma esposa. Enxergava o casamento apenas como um meio para alcançar seus objetivos. Tinha a necessidade de um filho legítimo que o sucedesse ao título, pois era muito orgulhoso para deixar suas terras nas mãos de seu primo. Seus planos incluíam enviar seu herdeiro a Eton e Cambridge para que completasse os estudos e instruí-lo apropriadamente sobre como cuidar de suas propriedades. Por este motivo, permitiu que o filho passasse os primeiros anos de vida na companhia de sua mãe antes de levá-lo a Londres, onde pretendia criá-lo a sua imagem e semelhança.

Sem a companhia e as risadas constantes do filho, Caroline tornou-se amargurada e infeliz. Não tinha sequer a esperança de contar com uma visita reconfortante de Jane, pois o trabalho do Sr. Huxley os obrigara a trocar a Inglaterra pelas Índias Ocidentais. Harrington continuava a visitar a propriedade de Lincolnshire com certa regularidade, mas sempre sozinho. Caroline implorava por sua boa razão em tentativas desesperadas de encontrar o filho, mas em vão. Os criados mais fiéis do conde tinham ordens para vigiá-la e não permitir que deixasse a propriedade. Quando as cartas enviadas a Jane não encontraram respostas, suspeitou que sua correspondência estivesse sendo confiscada. Transformara-se em uma prisioneira em seu próprio lar.

Em uma das visitas do marido, comunicou melancolicamente que se não encontrasse o filho tiraria a própria vida. Harrington riu da ameaça e disse que não se importava.

O que impediu Caroline de levar a palavra à ação foi a alarmante descoberta de que carregava uma nova vida em seu ventre. Causava-lhe grande sofrimento pensar que havia gerado uma criança durante os momentos apreensivos e cruéis em que Harrington a tomara à força. Sustentou a difícil decisão de continuar a gestação e aos poucos passou a enxergar seu novo bebê como uma nova esperança.

Quando Harrington retornou à propriedade, após uma longa temporada em Londres, encontrou Caroline no salão de visitas, tomando o chá habitual da tarde. Estacou surpreso no portal da porta dupla ao deparar-se com sua evidente protuberância.

— Está...?

— Sim. — Caroline ergueu-se com dificuldade, protegendo o ventre com as mãos. — Estou esperando outro filho e não irei permitir que o leve para Londres. Permanecerá ao meu lado onde será amado e protegido.

— Não diga asneiras — esbravejou o orgulhoso conde, desviando o olhar de repugnância que lançara ao ventre da mulher. — Jamais cuidaria de seu bastardo, rameira!

— Meu... *bastardo*? — Caroline perguntou em um fiapo de voz, sentindo as lágrimas rolares por seu delicado rosto.

— Acha que sou estúpido para acreditar que este filho é meu? — Harrington bradou. — Pensa que não sei sobre seu envolvimento com Melbourne? Tenho pessoas de minha confiança que seguem cada um de seus passos.

— Melbourne é meu amigo! — gritou Caroline ofendida, agarrando-se as suas últimas reservas de força. Sentiu uma pontada forte em seu baixo ventre, mas preferiu ignorá-la. Esperara muito tempo por um confronto com o marido. — Jamais deitei-me com Melbourne ou com qualquer outro!

— Não o fez? — Harrington ficou surpreso por um momento enquanto considerava a declaração. Ouvira rumores entre os criados sobre o relacionamento que sua esposa mantinha com o Marquês de Melbourne. Era uma mentirosa assim como todas as mulheres que conhecera em sua vida.

— Não irá arrancá-lo dos meus braços! — Caroline vociferou, agarrando-se ao espaldar da cadeira onde estivera sentada. O suor abrilhantava a pele de seu rosto e sua respiração tornava-se cada vez mais rápida e difícil. — Juro que o matarei antes que tenha a oportunidade.

Harrington riu sardônico, alheio à situação em que Caroline se encontrava. Sentia tamanho ódio por ver a esposa esperando o filho de outro homem que não percebeu que ela havia entrado em trabalho de parto.

— Já tenho um herdeiro. *Não o quero*. Nem a você. Peça ajuda a Melbourne para sustentar seu bastardo.

Dizendo isto, deu-lhe as costas e abandonou furioso a mansão. Não notou a repentina movimentação dos criados ou a algazarra que se instalou logo após sua saída.

Nove horas depois, em uma madrugada intensa e caótica, nascia o segundo na linha de sucessão ao título de Conde de Harrington.

# Capítulo I

*Junho de 1797, Lincolnshire*

— Venha comigo, Damian.

Damian, sentindo-se inseguro pelas lágrimas brilhantes nos olhos da tia, agarrou sua mão e seguiu em sua companhia através das escadas que conduziam ao segundo andar da casa onde morava. Era uma bonita casa. A mais bela que já vira. Não era cercada de luxos como a propriedade de Lorde Melbourne e sua esposa, que Damian tinha certeza se tratar de uma bruxa. Tampouco era grandiosa como Harrington Park, uma das propriedades vizinhas e a única que não estava autorizado a visitar. Os aposentos eram pequenos e careciam de móveis, mas não tinha importância. Era a casa mais perfeita que poderia pensar, pois era onde estava sua mamãe. A pessoa que mais amava na vida, seguida por tia Jane.

Nunca vira o pai em seus seis anos de existência. Há um tempo dedicara-se a perguntar a mãe sobre ele, mas nunca recebera respostas satisfatórias para suas perguntas. Parou de indagar a respeito do pai no dia em que a viu chorar nos braços de tia Jane enquanto lamentava o fracasso de seu casamento. Aprendeu também neste dia que tinha um irmão mais velho em algum lugar, chamado Anthony. Desejou conhecê-lo. Talvez sua vida não fosse tão solitária se tivesse um irmão com quem brincar.

Damian sabia em sua curta experiência que as lágrimas nos olhos de uma pessoa não eram um bom sinal. Tia Jane estava triste. Dias atrás havia sido proibido de visitar o quarto de sua mãe. Tudo o que tia Jane contara era que estava doente e precisava de sossego e descanso para se recuperar. Cabia a Damian não fazer tantas travessuras e não correr pela casa como era seu costume. Se conseguisse se comportar como o haviam instruído, sua mamãe melhoraria e logo estariam juntos outra vez.

Tia Jane o conduzia diretamente ao quarto da mãe. O que Damian não compreendia era porque seus olhos estavam tão inchados e vermelhos. Se o levava ao encontro da mãe era porque ela finalmente havia melhorado. Tinha conhecimento de que algumas mulheres choravam quando coisas boas aconteciam, mas tia Jane parecia triste, o que o deixava muito confuso.

— Tia Jane? — arriscou perguntar. — Por que estamos indo ao quarto da mamãe? Ela melhorou?

Tia Jane parou de caminhar e o encarou com seus grandes olhos azuis. Os cabelos, que levava sempre presos em um rígido coque, estavam desalinhados como se tivesse tentado arrancá-los do couro cabeludo. Agachou-se até estarem na mesma altura. Carinhosamente segurou as pequeninas mãos entre as suas.

— Damian — disse com a voz embargada. — Sua mãe... — Soltou um longo suspiro enquanto fechava e abria os olhos. — Sua mãe irá fazer uma longa viagem. Por isso iremos nos despedir.

— Para onde mamãe irá viajar?

— Para um lugar muito, muito distante.

— Posso ir junto, tia Jane?

Uma lágrima solitária escapou dos olhos de sua tia, que a secou rapidamente com o dorso da mão.

— Sinto muito, Damian. Não poderá acompanhá-la.

— Por que não posso ir junto? Mamãe nunca me deixa sozinho — Damian indagou confuso.

— Porque... — Os olhos de tia Jane ficaram desfocados como se estivesse perdida em pensamentos. O que Damian não sabia era que quase não podia suportar a própria dor quanto mais informar a uma criança tão pequena que sua mãe partiria deste mundo para nunca mais voltar. — Damian, em breve sua mãe cairá em um sono muito profundo. Entende o que digo?

Os olhos de Damian se arregalaram.

— Mamãe irá dormir igual o Sr. Caulfield quando bebe cerveja? — perguntou inocentemente.

Tia Jane riu de sua pergunta, a tristeza abandonando por alguns instantes. Caulfield era um dos criados que moravam na casa. Costumava embriagar-se vez ou outra, sendo quase impossível acordá-lo nestes momentos.

— Refiro-me a outro tipo de sono. O Sr. Caulfield consegue despertar quando se sente bem.

— Mamãe não vai conseguir despertar?

Tia Jane moveu a cabeça lentamente para um lado e para o outro enquanto mais lágrimas se formavam em seus olhos.

— Nós podemos sacudir mamãe bem forte, tia Jane — sugeriu Damian, entusiasmado com sua ideia inteligente. — Assim como a Sra. Caulfield faz com o Sr. Caulfield.

— Não será possível.

— Ou podemos jogar água em sua cabeça. A Sra. Caulfield faz isso também.

— Damian. — Tia Jane agarrou seus braços e olhou fundo em seus olhos. — Não há nada que possamos fazer para ajudar sua mãe. Não voltará a despertar. É por isso que precisa encontrá-la. Deve se despedir antes que... *parta*. Entende isto?

Damian segurou as lágrimas e moveu a cabeça em um gesto afirmativo. Tia Jane, parecendo aliviada, levantou-se e segurou sua mão. Abriu a porta do quarto de sua mãe e o fez entrar no aposento.

— Vá, querido — ordenou com o coração partido.

As cortinas estavam fechadas, encerrando o quarto em uma escuridão fantasmagórica. A iluminação provinha de dois grandes castiçais centralizados nas mesas de cabeceira de cada lado da cama. Sua mãe estava recostada contra uma pilha de travesseiros. Os cabelos castanhos como os seus, outrora brilhantes e bem escovados, caíam pesados por seus ombros, representando a vida que se esvaía rapidamente do corpo a que pertencia. A pele estava tão esticada em seu rosto que Damian teve dificuldade para reconhecê-la. Encorajado pelo tapinha amoroso da tia em suas costas, deu um passo à frente. O olhar perdido de sua mãe encontrou o seu e a sombra de um sorriso perpassou o rosto magro. Com dificuldade, Caroline levantou a mão na direção do filho convidando-o a se aproximar.

— Damian. — Sua voz não passava de um sussurro. — Meu doce menino. Não tenha medo.

Damian caminhou até a cama e segurou a mão de sua mãe. Não era certo. Aquela mão cadavérica e fria não parecia com as mãos suaves de sua querida mãezinha.

— Como tem passado? Senti sua falta.

— Também senti sua falta, mamãe. — Damian sentou-se ao seu lado, abandonando qualquer reserva ou medo. — Tia Jane disse que você irá viajar.

Caroline soltou um grande suspiro. Sabia que não restava muito tempo.

— Sua tia está certa, Damian.

— Também disse que não poderei ir com você. Leve-me, mamãe. Não me deixe sozinho.

Damian sentiu um aperto fraco em sua mão.

— Ainda que... — Mais um suspiro longo e profundo. — ...que eu pudesse levá-lo comigo não o faria. Preste atenção. Preciso que prometa algo. Pode fazer isso por mim?

O menino concordou com a cabeça.

— Antes quero que saiba... É sobre seu pai. Chama-se... Harrington.

— Harrington? Como a propriedade de Harrington Park? — Damian achou graça no fato de um homem ter o mesmo nome que uma propriedade.

— Sim. Poderá encontrá-lo em Londres se for este seu desejo, mas espero que não o encontre.

— Por que não, mamãe?

— Não quero que cause algum dano a você... Ouça, Damian. Deve prometer. Prometa que encontrará Anthony... Anthony Montrose.

— Quem é esse, mamãe? É o meu irmão?

— Como tem conhecimento sobre Anthony? — Caroline encarou o filho com curiosidade.

— Ouvi uma de suas conversas com tia Jane.

Caroline sorriu com doçura e afagou o rosto do filho.

— Não deve escutar conversas particulares, meu amor. Nós conversamos a respeito.

— Sim, mamãe.

— Prometa que encontrará seu irmão e que irá conhecê-lo. Diga a Anthony que não o abandonei. Foi seu pai... Seu pai o privou de minha companhia. *Prometa*, Damian. Prometa que irá encontrá-lo não importa o que aconteça.

Damian sentiu a pressão sobre seus dedos aumentar. Sua mãe o apertava com tanta força que chegava a doer.

— *Eu prometo*, mamãe — respondeu. Sem saber que este momento mudaria sua vida para sempre.

Caroline sorriu, apesar do esforço doloroso que sentia ao realizar o gesto. Poderia descansar em paz agora. Seu desejo de ver os dois filhos unidos se concretizaria. Harrington não teria sucesso em separá-los.

— Vá com tia Jane — ordenou a Damian, desvencilhando-se de sua mão. — Preciso ir, querido.

— Não!

O grito desesperado de Damian a desmoronou por completo. Seu coração sangrava por deixar o filho, tão pequeno e indefeso, sozinho no mundo. Sabia que contaria com Jane para ajudá-lo a crescer no caminho do bem, mas Damian não tinha um pai. Considerava Harrington morto e esperava que um dia o filho assim o fizesse.

Não temia a morte. Estava preparada. Mas morrer significava deixar seu bem mais precioso sem seu amparo e amor. Era o que mais pesava em seu coração.

— Não me abandone, mamãe. Por favor! — Damian gritou com os olhinhos úmidos. — Não correrei pela casa. Poderá descansar, mamãe. Não me deixe sozinho!

Segurando as lágrimas, Caroline esforçou-se para não gritar de dor quando o pequeno corpo saudável do filho caiu sobre o seu.

— Tia Jane irá cuidar de você. Deverá respeitá-la... e amá-la...

— Não quero tia Jane! — choramingou Damian, assustado com o rumo da visita ao quarto da mãe. Era o culpado por seus braços não se fecharem em seu abraço como costumava fazer. Se não tivesse corrido pela casa, sua mamãe não estaria caindo em sono profundo. — Quero ficar com você, mamãe! Por favor!

— Leve-o, Jane. — A voz de sua mãe soou forte enquanto o afastava de seu leito.

Damian sentiu as mãos da tia em seus ombros. Tentou lutar contra sua força e voltar para junto da mãe. Gritou e esperneou, esquecendo-se de que deveria ficar em silêncio se quisesse que sua mamãe melhorasse. O Sr. Caulfield entrou no quarto atendendo aos apelos de tia Jane. Damian foi arrastado para fora do aposento por mãos firmes enquanto a tia juntava-se a sua mãe, chorando copiosamente assim como ele.

Apenas quinze minutos depois, tia Jane entrou em seu quarto com a expressão cansada e pesarosa.

Informou que sua mãe havia caído no sono eterno.

Damian jamais esqueceu as horas que sucederam a morte da mãe. Pessoas estranhas e desconhecidas apareceram em sua casa. Conversas eram bruscamente interrompidas quando

entrava em um aposento. Na primeira noite, não foi capaz de fechar os olhos e dormir. Temia cair em sono profundo como acontecera à mãe. Não era tão corajoso quanto ela.

Caroline foi enterrada após o tempo usual de constatação da morte. Uma vala foi aberta no cemitério da paróquia do vilarejo. Jane recusou-se a aceitar que a irmã fosse enterrada ao lado dos ancestrais do conde em Harrington Park, tampouco se preocupou em comunicar sua morte.

No dia da derradeira despedida, uma insistente garoa caía do céu. Com lágrimas nos olhos, Jane depositou um pequeno ramo de flores sobre a terra recém-assentada. Instruiu o sobrinho a fazer o mesmo. Prometeu à memória de Caroline que zelaria pela segurança e pelo bem-estar de Damian. Lorde Harrington havia imposto tanta dor e sofrimento à irmã que jamais permitiria que ele se aproximasse do filho. Recordou o dia em que Caroline comunicou que fugiria de Harrington Park. Fazia uma semana que havia dado à luz a um menino saudável e risonho e encontrava-se ainda debilitada pelos trabalhos do parto. Jane havia acabado de retornar à Inglaterra em uma infeliz coincidência do destino. Vivenciava então o momento mais triste de sua vida. Seu amado William havia encontrado sua sepultura no mar e o casamento tristemente não rendera frutos. Quando tomou conhecimento das perversidades praticadas por Harrington, decidiu permanecer ao lado da irmã. Caroline e o sobrinho eram tudo o que restava em seu mundo.

Encontraram uma pequena casa de dois andares nos arredores do vilarejo. Pretendiam utilizar a residência como moradia temporária até que conseguissem captar recursos que as levassem o mais distante possível de Lincolnshire. Haviam concordado que seria um erro vender as joias de Caroline, pois o conde poderia facilmente rastreá-las.

Fugiram na calada da noite carregando alguns poucos pertences. A carruagem de aluguel aguardava além dos portões da propriedade, uma precaução necessária para evitar que os criados de Harrington descobrissem o plano.

Os dias transformaram-se lentamente em meses e os meses em anos. Jane empregou todos os recursos que havia herdado de seu marido no empenho de transformar a casa em um verdadeiro lar para o sobrinho. Damian jamais saberia que economizavam as velas e que em um inverno rigoroso passara frio para vê-lo aquecido. Jane começou a dar aulas de piano para as jovens filhas das famílias nobres da redondeza sem que ninguém chegasse a se inteirar que era irmã da Condessa de Harrington. Com os ganhos conseguiram até mesmo contratar uma cozinheira, a Sra. Caulfield.

Damian era o orgulho de sua mãe. Caroline era extremamente zelosa com sua segurança por medo de perdê-lo. Apesar da felicidade em ver o filho feliz e saudável, jamais voltou a ser como antes. Vivia uma constante inquietude, temendo que Harrington a descobrisse. Costumava ter crises de profunda melancolia e chorava sem qualquer motivo. Jane fazia tudo ao seu alcance para consolá-la, mas não era o suficiente. Era visível o esforço e energia empregados por sua irmã para parecer bem diante de Damian. Até o triste dia em que não suportou mais.

Jane retornou a casa de mãos dadas com o sobrinho, deixando as amargas lembranças para trás.

Damian não derramou mais lágrimas por sua mãe. Tia Jane e outras pessoas faziam perguntas e davam-lhe encorajamento, mas não era capaz de assimilar o que diziam. Muitas vezes não respondia o que era perguntado simplesmente porque não sentia vontade. Seu doce mundo infantil transformara-se em um lugar inseguro e sombrio sem a presença de sua mãe para preenchê-lo com luz e segurança. Não haveria mais beijos de boa noite porque certamente não desejava que tia Jane o beijasse. O tempo das brincadeiras de barco de papel no riacho, das lições em frente à lareira e das leituras antes de dormir haviam terminado. Sua mãe caíra em sono profundo e nunca mais despertaria.

Na manhã da segunda noite em claro, Jane encontrou o sobrinho sentado no peitoril da janela de seu quarto com os braços passados ao redor dos joelhos. Seus olhos percorreram a cama intacta e inspecionaram cuidadosamente o estado de Damian. O comportamento de seu sobrinho sofrera uma

drástica mudança. O menino alegre e cheio de entusiasmo, que costumava correr pela casa, não existia mais. Não sorria. Recusava a comida que era oferecida. E o mais alarmante de tudo: não havia pronunciado uma palavra sequer desde o momento em que se inteirara da morte da mãe. Ao que parecia, o caso era mais grave do que o Dr. Graves havia avaliado. Ele dissera que o comportamento de Damian era perfeitamente normal para uma criança de sua idade em iguais circunstâncias. Declarara que o melhor a fazer era permitir que o garoto tivesse seu momento para aceitar a morte da mãe. Mas como Jane constatava agora, Damian não havia dormido desde o fatídico dia. Seu olhar sem expressão estava circundado por profundas olheiras.

— Damian? — chamou com cautela, temendo assustá-lo. — Não tem dormido, querido?

O sobrinho nem mesmo levantou os olhos para encará-la, mantendo-os fixos na paisagem além da janela.

— O que acha de dormir um pouco? Ficarei ao seu lado até que adormeça.

Novamente o silêncio.

Jane prometera a irmã que cuidaria de seu filho como se tratasse de seu próprio, mas sentia que estava falhando em sua missão.

— Tem fome? Posso pedir para a Sra. Caulfield preparar o ensopado de que tanto gosta.

Damian balançou repetidamente a cabeça de um lado a outro, dando a entender que não gostaria de comer. Jane sentiu uma pequena esperança brotar em seu coração. Talvez o sobrinho estivesse recuperando a boa consciência. Tentou uma nova aproximação, mas Damian virou bruscamente a cabeça para o outro lado. Estava claro que desejava ficar sozinho.

Apesar de não concordar com as instruções do Dr. Graves para que o deixasse ter seu momento, Jane o deixou sozinho em seu quarto. Seguiria as recomendações do médico até o fim da semana. Se o sobrinho não desse amostras significativas de melhora, agiria da maneira que julgasse necessária.

Porém, o destino não quis que Jane interviesse no estado melancólico do menino.

Era uma manhã bastante agradável de sábado. Após sucessivos dias cinzentos, o sol finalmente aparecera celebrando luz e calor. Jane aproveitara o bom tempo para caminhar até o descanso final de Caroline. Ajoelhou-se no chão de terra e cuidadosamente limpou os resquícios de chuva da noite anterior, que estavam grudados na placa que havia mandado afixar em sua homenagem. Depositou com cuidado os lírios amarelos que colhera mais cedo. Era a flor preferida de sua irmã desde que era uma garotinha. Recordou os dias felizes passados nas terras em Essex, dos passeios a cavalo ao pôr do sol e das corridas perigosas que tomavam parte e que deixavam a preceptora de cabelos em pé. Parte de si mesma havia morrido com Caroline.

Quando Jane caminhava em direção a casa pelo jardim de flores, foi tomada por um sentimento de inquietação ao ver uma imponente carruagem parada diante da entrada. Apressou os passos e seus piores medos ganharam forma ao constatar que se tratava da carruagem que tinha em mente.

A porta da casa foi aberta pela Sra. Caulfield.

— Onde está? — Jane interpelou com nervosismo.

— Subiu as escadas há alguns minutos, milady — respondeu a cozinheira, parecendo aflita.

Jane correu na direção das escadas. Ao virar a esquina do corredor, estacou diante a cena que se desenrolava a sua frente.

Damian estava parado a poucos metros de distância, o corpo virado na sua direção. Seus olhinhos encaravam o inesperado visitante com uma mescla de medo e curiosidade. Nenhum dos dois teve consciência da sua presença. Havia tal reverente fascinação estampada no olhar do sobrinho, que impeliu Jane a agir. Era desejo de sua irmã mantê-lo afastado daquele homem.

— Damian — chamou o sobrinho com a voz firme. — Venha até aqui.

O sobrinho piscou os olhos como se despertasse de um transe e a encarou confuso. Soube precisar o exato instante em que recuperou a capacidade de raciocínio antes de correr para seus braços. Jane agachou-se e o amparou com amabilidade, estando sob os olhares atentos do conde.



— Encontra-se bem, querido? — perguntou com preocupação, afastando uma mecha de cabelo da frente do sobrinho. Damian a encarou e balançou a cabeça indicando que estava bem. — Vá para o seu quarto. Estarei com você em breve.

— Não irá à parte alguma.

Jane ouviu a voz imperiosa de Lorde Harrington. Ignorando sua presença, alisou a camisa que Damian vestia e voltou a ordenar que a esperasse em seu quarto.

— Prometo que não irei demorar — assegurou ao sobrinho.

— Não ouviu o que eu disse, mulher tola? Meu filho fica.

Jane não conseguiu conter a raiva por mais tempo. Respirou fundo e levantou-se para encará-lo de frente.

— Reconhece finalmente que se trata do seu filho? — indagou com ironia, mantendo uma mão protetora sobre o ombro de Damian. — Muito comovente que tenha percebido a incrível semelhança entre os dois.

O olhar do conde endureceu.

— Irei conversar com meu filho, quer queira ou não.

Estava prestes a replicar uma resposta a Harrington quando sentiu um puxão na saia do vestido. Olhou para baixo e fitou os olhos azuis de Damian, que a encarava com expectativa.

— Tia Jane?

— Sim, querido? — Jane respondeu com a voz embargada. Pensara que nunca mais ouviria a voz do sobrinho. Era a primeira vez que falava desde a morte da mãe.

— Este é meu papai?

Havia tanta esperança em seu rostinho que Jane sentiu o coração pesar.

— Sim. É o seu pai.

— Lembro do que mamãe disse. — Damian desviou o olhar e encarou o pai com curiosidade. — Mas será que poderia conversar com ele só um pouquinho?

Jane fitou os olhos esperançosos de Damian. O que era suposto fazer neste caso? Caroline queria que o filho mantivesse distância do homem que tanto os prejudicara. Mas como seria capaz de negar um pedido tão sincero? A resposta era que não conseguiria. Não quando Damian ainda sofria a perda da mãe e a encarava com tanta esperança.

Jane suspirou e encarou Lorde Harrington, que sorria presunçoso.

— Está bem. Poderá conversar com seu pai.

Caminharam juntos até a sala de visitas. Jane fez com que o sobrinho entrasse no aposento e lançou um olhar ao conde, esperando que se juntasse ao filho. Antes de sair, Jane encarou Damian tentando transmitir a confiança necessária para que enfrentasse o pai.

— Estarei aqui se precisar.

Tia Jane fechou a porta da sala e Damian foi deixado sozinho com o pai. Houve um incômodo silêncio entre os dois enquanto encaravam um ao outro. Damian mal ousava respirar. Por fim, seu pai caminhou até a janela, interrompendo o embaraçoso contato visual.

— *Maldição!* Necessito de uma boa bebida. — Damian o ouviu dizer antes que voltasse a encará-lo. Os olhos, de um tom azul claro, eram exatamente como os seus. — Qual o seu nome?

— Damian Andrew Edward Montrose, senhor. — O menino respondeu de imediato, apesar de estranhar o fato do pai não conhecer seu nome.

O homem riu.

— Sua mãe o nomeou Damian, não foi? — perguntou com desdém. — Era o nome de seu bisavô. Quis dar a Anthony esse ridículo nome católico, mas não permiti.

Damian permaneceu um silêncio.

— Sabe montar? — seu pai perguntou.

— Sim, senhor. O Sr. Caulfield está me ensinando — respondeu orgulhoso. De acordo com o Sr. Caulfield seria um grande cavaleiro. — Ele diz que sou *destemido*.

— E por acaso conhece o significado dessa palavra?

— Não, senhor. Mas acredito que seja algo bom porque o Sr. Caulfield sempre sorri quando diz que sou um pequeno destemido.

O pai fez pouco caso de sua observação e um novo silêncio foi estabelecido. Nenhum dos dois sabia como iniciar uma conversa. Damian resolveu arriscar a pergunta que o incomodava.

— O senhor irá ficar por algum tempo?

O pai meneou a cabeça.

— O suficiente para resolver os assuntos pendentes com meu administrador. Devo retornar ainda esta noite.

Damian encarou os próprios sapatos e brincou com as pontas dos pés. Estava decepcionado. Pensara que o pai viera buscá-lo agora que sua mãe havia caído no sono profundo. Desejava conhecê-lo e mostrar seus desenhos para que desse uma opinião sobre suas habilidades artísticas. Tia Jane costumava dizer que era muito talentoso. Talvez até mesmo emprestasse seu barco de papel ao pai para que brincasse no rio. Mas o homem que o encarava com o semblante franzido não parecia interessado.

Foi acometido por tal dor em seu peito que em seus seis anos de idade não soube explicar. Se fosse um pouco mais velho a reconheceria como a dor da rejeição.

Seu pai caminhou de um lado a outro da sala com as mãos às costas e a expressão pensativa.

— Irá para Harrington Park, naturalmente — estabeleceu, sem interromper seus passos. — Estenderei minha generosidade à irmã de sua mãe. Não passa de uma viúva de um marinheiro mercantil. Poderá morar com você, desde que não crie problemas. Ficará na propriedade até ter idade suficiente para ir a Eton. Posso assumir que tem um tutor?

— Não, senhor — Damian respondeu.

— Como? — seu pai gritou, assustando-o. — Está dizendo que não tem um tutor?

Damian encolheu-se, apertando os dedos dos pés dentro dos sapatos. Pensou em mentir apenas para não desapontar o pai. Queria desesperadamente que gostasse dele, mas sua mãe o ensinara que não deveria contar mentiras. Balançou lentamente a cabeça em uma negativa.

— *Céus!* — exclamou o pai, encarando-o com o mesmo desprezo que a Sra. Caulfield costumava encarar as baratas que entravam em sua cozinha. — É mais estúpido do que eu pensava. — Damian engoliu o choro. Não fora capaz de se comportar para que sua mãe melhorasse e aparentemente não seria capaz de fazer com o que pai gostasse dele. — Sabe ao menos fazer contas? Ler?

— Sim. — Balançou rapidamente a cabeça, agarrando-se a um fio de esperança. — Tia Jane tem me ensinado.

Seu pai riu da resposta. Damian sorriu satisfeito, sem imaginar que a risada havia sido irônica.

— Enviarei um tutor adequado, mas não posso garantir que terá a inteligência necessária para acompanhar as aulas em Eton. Como segundo filho, poderia seguir a carreira militar, mas a ideia não me agrada. O que pensa sobre o sacerdócio?

Seu pai parou de caminhar para encará-lo. Damian não sabia o que responder, portanto deu de ombros e fez uma careta ao recordar as idas a igreja com a mãe e tia Jane. Achava os sermões do vigário muito entediantes.

— Veremos quando chegar a hora.

Damian assistiu ao pai dirigir-se até a porta da sala de visitas. Estava prestes a sair quando correu até ele e puxou a borda de seu casaco. A expressão de seu pai quando o encarou mesclava raiva e confusão. Damian recuou instintivamente, temendo que sua próxima pergunta o aborrecesse mais. Seria sua única e exclusiva culpa se nunca mais desejasse vê-lo. Assim como sua mãe havia caído em sono profundo porque não conseguira se comportar.

— O senhor pretende voltar a Lincolnshire? — perguntou timidamente.

— Não se eu puder evitar. — Seu pai respondeu antes de abrir a porta e abandonar a sala.

Damian sentiu os braços de tia Jane o envolverem em um abraço. Ouviu suas perguntas preocupadas, mas não conseguiu respondê-las. Foi enviado a seu quarto para que tia Jane e o pai conversassem na sala de visitas. O volume alterado de suas vozes era audível mesmo com a porta

fechada. Damian encolheu-se em sua cama e tapou os ouvidos com as mãos. Não queria ouvir o pai dizer a tia Jane que era estúpido. E se acreditasse em suas palavras? Quem iria amá-lo?

Os gritos cessaram repentinamente. Tia Jane entrou em seu quarto sem dizer uma palavra. Parecia furiosa e trazia lágrimas nos olhos. A Sra. Caulfield apareceu e juntas colocaram seus pertences em um baú. Temeu por um instante que o pai o levasse para longe de tia Jane, mas ela o acompanhou até a grande propriedade que passaria a ser seu novo lar.

Damian acostumou-se a ver o pai ocasionalmente quando este ia a Harrington Park tratar dos assuntos relacionados a propriedade com o administrador. Nunca dedicou mais do que poucos minutos de sua atenção. Ocasões nas quais geralmente o criticava por seus lentos avanços nos estudos e por utilizar o tempo livre para desenhar *rabiscos*.

Aos poucos, Damian assimilou sua verdadeira identidade. Era o segundo filho de um conde e esperavam que tivesse uma educação de cavalheiro.

Em um verão ao retornar de Eton, Jane o convocou para uma séria conversa. Observou calado enquanto a tia buscava consolo para suas lágrimas em um lençinho de renda. Quando conseguiu controlar o pranto, contou-lhe sobre todas as atrocidades que sua mãe suportara no casamento. A privação do convívio de seu primogênito. A insensata acusação de que traíra o conde e que ele era um bastardo. A fuga para a modesta casa do povoado com um recém-nascido nos braços e o perverso boato que fora difundido em Londres sobre sua suposta loucura.

Por fim, Damian compreendia aspectos de sua vida que haviam permanecido sem resposta por muitos anos. Por mais de uma vez trocara socos com os colegas de Eton que tiveram coragem suficiente para lançar insinuações a seu respeito. Um deles chegara a dizer que sua mãe era louca e que ele fora escondido pelo pai porque padecia do mesmo mal. Conjuntamente, passara a ouvir o quanto seu irmão fora um aluno exemplar e o quanto o conde era orgulhoso de seu primeiro filho.

A raiva que fervilhava dentro dele era tamanha que levantou da cadeira diante de Jane e lançou a mesa de centro na parede. Mal ouviu o ofego de surpresa e consternação da tia. Caminhou até o estábulo decidido a enfrentar o pai com as acusações. Mandou que selassem seu cavalo e partiu a galope para Londres. Seria uma cavalgada de no mínimo dois dias se parasse para descansar. Interrompeu a viagem apenas para trocar de montaria e chegou à cidade em metade do tempo.

Desmontou o cavalo em frente à mansão do pai em Mayfair. Era a primeira vez que se atrevia a entrar na residência do conde. Seu pai fizera questão de deixar evidente que não gostava de ter sua paz perturbada quando estava na cidade e Damian o respeitara por todos esses anos. O mordomo não demonstrou qualquer surpresa quando esclareceu sua identidade e o motivo da visita. Foi conduzido à sala de espera no primeiro andar. Os minutos se arrastaram lentamente enquanto aguardava a presença do pai. O calor da lareira convidava a relaxar na poltrona diante do fogo. Se a ocasião fosse diferente, Damian teria considerado a oferta tentadora. Há dois dias não tinha uma noite de descanso. Para a maioria das pessoas seria algo humanamente insustentável, mas estava acostumado a noites insones sem que tivesse prejudicada sua capacidade de raciocínio. A fúria que carregava dentro do peito contribuía para seu estado de alerta.

Damian estava prestes a sair da sala para procurar o conde quando a porta foi aberta repentinamente.

Não concedeu tempo ao pai para que o saudasse com sua típica arrogância. Repetiu com agressividade cada uma das acusações feitas por Jane. Manteve um ínfimo pensamento esperançoso de que negaria suas palavras, mas o conde riu ao confessar que as acusações eram certas, acrescentando com crueldade que não se arrependia de suas escolhas.

— Quero um duelo. Amanhã. Escolha as armas — Damian vociferou, encarando-o com raiva.

— Não iremos duelar. Seria um desperdício do meu tempo. — Foi a resposta desdenhosa que recebeu em troca.

— Somente no caso de sair vitorioso. O que garanto, não irá acontecer.

O conde riu da ameaça.

— Não tem a habilidade necessária para me enfrentar. É um tolo, assim como sua mãe. Percebo agora o quanto são parecidos. Caroline ficava ansiosa quando eu a visitava em Harrington Park, seguindo-me a todos os lugares como um cachorrinho. Implorava pateticamente por minha atenção da mesma forma que você corria até mim, orgulhoso de seus *rabiscos*. Por isso criei Anthony longe de sentimentalismos. Para que não se transformasse nesta criatura fraca e patética que tenho diante meus olhos.

Damian sentiu o corpo gelado e começou a suar frio, bastante impressionado pela frieza de suas palavras. Desorientado pelo duro golpe, deixou o aposento sob as risadas maldosas do conde.

Envergonhado, admitiu horas mais tarde que o pai estivera lamentavelmente perto da verdade. Havia se dedicado a ser um filho bom e honrado. Tirava as melhores notas na escola, não se envolvia em confusões com os outros alunos - salvo as poucas vezes em que haviam insultado sua mãe - não se juntava às farras que poderiam prejudicar o nome da família e era discreto em seus próprios assuntos.

A partir daquele infeliz dia, no entanto, atuaria de forma diferente. Se não conseguia chamar a atenção do conde esforçando-se por conquistar méritos, o enfureceria com um mau comportamento. Construiu sua fama com muito cuidado. Juntou-se a um clube de jogatina e em pouco tempo acumulou uma pequena fortuna. Em uma noite, convenceu um conhecido a apostar uma casa de solteiro que mantinha na cidade. Com uma vitória fácil, tornou-se proprietário da confortável residência. Instalou Jane em Londres enquanto sua fama de bom jogador e libertino crescia. Envolveu-se em casos escandalosos com mulheres casadas e participou de mais de um duelo. Investiu seu dinheiro em negócios que se provaram altamente rentáveis e renegou publicamente as relações com o pai e o irmão, que conhecia somente a distância.

Aos vinte e um anos de idade vivia mais confortavelmente do que muitos de seus amigos com títulos e foi nesta época que a notícia da morte de seu irmão o surpreendeu. Havia falhado em cumprir a promessa que fizera à mãe em seu leito de morte. Estivera esperando que o velho batesse as botas para procurá-lo. Não queria sua interferência no relacionamento com o irmão. Ao mesmo tempo, uma parte egoísta de si mesmo invejava a convivência que Anthony tivera com o pai.

Estava no escritório de sua residência de solteiro, sentado na poltrona diante do fogo, quando uma batida na porta o trouxe de volta de seus pensamentos. O mordomo entrou e anunciou que o Conde de Harrington desejava vê-lo. Seu assombro não teria sido maior se Bromley tivesse declarado que o rei George estava correndo nu pelas ruas de Londres.

Levantou-se da poltrona e sentou atrás de sua escrivaninha antes de ordenar a Bromley que trouxesse o pai a sua presença. O velho caminhou pelo pequeno escritório com seu típico ar enfadado. Damian o observou com uma expressão calma e estudada no rosto. Indicou a cadeira a sua frente e esperou que seu visitante se sentasse. O conde parecia mais magro e envelhecido. Teriam passado somente quatro anos desde que o vira?

— E então? — perguntou serenamente. Há muito seu pai perdera o poder de intimidá-lo. Era dono de sua própria fortuna e de seu próprio destino. Não havia nada com que pudesse ameaçá-lo.

— Vejo que se arranjou bem desde nossa última conversa. — O olhar de seu pai vagou de forma avaliadora pelo escritório antes de voltar a encará-lo.

Damian recostou as costas na cadeira, apoiando os braços nos apoios.

— O que faz aqui? — foi direto ao assunto. Não queria perder tempo com o conde. Além disso, tinha um encontro marcado com uma viúva de cabelos ruivos e um busto generoso.

— Quero que venha morar em minha casa e acabe com essa ridícula história de rejeitar-me em público.

Damian piscou, absorvendo lentamente as palavras.

— Por que motivo? — fez a única pergunta em que conseguiu pensar.

O conde sorriu. Os dentes amarelados conferiam ao seu rosto um aspecto ainda mais envelhecido.

— Porque é meu filho e meu herdeiro.

Damian arqueou as sobrancelhas, mas não disse nada.

— Estou velho e não viverei por muito mais tempo. Precisa aprender a administrar as terras que um dia serão suas.

Um sorriso diabólico desenhou-se nos lábios de Damian.

— O filho pródigo está morto de modo que o filho imperfeito passou a ser a única opção. Lamentável, concorda? — Não esperou por uma resposta. Levantou-se com altivez. — Receio não poder atendê-lo. Decidi juntar-me à cavalaria real contra as forças de Napoleão. Isto é tudo?

A verdade é que não havia pensado até aquele momento em juntar-se ao exército real, mas a ideia parecia mais atraente a cada segundo marcado pelo ponteiro do relógio. Lembrara-se das palavras exatas do pai quando o conheceu. Dissera na ocasião que não era de seu agrado que o segundo filho ingressasse na carreira militar.

— Não pode juntar-se à cavalaria — esbravejou o conde. — Tem obrigações com o título que herdará.

— Não ligo a mínima para este título. De fato, ficarei contente se arrefecer em um campo de batalha e frustrar seus planos.

As faces do conde ficaram lívidas. Damian temeu por um instante que sofresse um colapso.

— Tenho primos, não? — Tentou ser razoável. — A linhagem da família não seria extinta com a minha morte.

— Que um raio me parta antes que eu permita que minhas terras passem para as mãos de Warwick.

— Neste caso sugiro que reze, *querido* pai. — Damian sorriu, bastante satisfeito ao ver a expressão enfurecida no rosto do conde. — Para que eu não tenha uma morte prematura nos campos de batalha ou para que tenha seu desejo do raio atendido.

— É um demônio — cuspiu o conde.

— Nos encontraremos no inferno, então. Isto é tudo? — tornou a perguntar.

O conde deu-lhe as costas no mesmo instante e partiu furioso.

Damian cantarolou baixinho, enchendo o copo com seu melhor whisky. Há tempos não se sentia tão bem.

Finalmente ganhara uma batalha contra o pai. Amanhã compraria sua patente e seguiria as forças que combatiam Napoleão.

Tomou um gole da bebida, fazendo uma pausa significativa para saborear o doce amargor de sua vitória.

